

Unir as Divergências

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

O Brasil, anfitrião de uma reunião dos Presidentes da América do Sul, lidera o processo de aproximação entre os países da região. O respeito pelas diversidades, opções e ritmos de cada um é fundamental no caminho para uma meta comum: a integração da América Latina e Caribe.

Assistimos nos anos oitenta e noventa a uma reordenação dos espaços políticos e económicos em todo o mundo. Na América do Norte, os Estados Unidos, o Canadá e o México assinaram, em 1992, o NAFTA. A APEC, constituída no final dos anos oitenta, passou a reunir nações das orlas americana e asiática do Oceano Pacífico. Na Europa, três membros da AELC (EFTA) aderiram, em 1995, à UE e hoje os países da antiga órbita socialista estão a negociar a sua adesão.

Essa reordenação de espaços tem-se realizado sob um signo positivo: criação de convergências e busca de interesses comuns. Com esse espírito, o Presidente Fernando Henrique Cardoso convidou os demais chefes de Estado da América do Sul para uma reunião em Brasília entre 31 de Agosto e 1 de Setembro. Trata-se de uma iniciativa de carácter inovador e de grande importância histórica.

Em razão da diversidade de nossa região, o emprego de geometrias variáveis faz parte da própria singularidade da integração na América Latina e Caribe. A composição do Grupo do Rio tem evoluído ao longo dos anos. A ALADI é integrada por dez países sul-americanos, pelo México e por Cuba. Na América do Sul está em curso, com pleno êxito, o processo de construção do MERCOSUL, de cuja vertente política fazem parte integral a Bolívia e o Chile. Estamos agora a iniciar conversas com este último para sua plena integração no MERCOSUL, e queremos mais à frente explorar esta mesma possibilidade com a Bolívia, que é membro da Comunidade Andina. Também na América Central e no Caribe registram-se variadas iniciativas de carácter sub-regional.

A riqueza desse panorama reflecte-se nas opções de inserção internacional das várias sub-regiões da América Latina e Caribe. Há uma diferenciação natural. O Brasil acompanha com grande satisfação, por exemplo, os êxitos extraordinários do México provocados pela sua decisão corajosa e pioneira de buscar, a partir de 1990, a conclusão de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos. Cada sub-região segue caminhos adequados às suas realidades. Mantém-se ao mesmo tempo o sentimento comum de identidade histórica, cultural e humana entre o conjunto da América Latina e Caribe.

As geometrias variáveis, portanto, sempre estiveram na base da integração na América Latina e Caribe. Somadas, as iniciativas particulares contribuem para a solidez e a riqueza do conjunto. Todas convergem para a meta comum da integração da América Latina e Caribe, a ser atingida - como é mais aconselhável - por aproximações sucessivas.

A Reunião de Presidentes da América do Sul é uma oportunidade para consolidar, estruturar e aprofundar a grande diversidade de iniciativas de aproximação entre os países da região sul-americana. Trata-se de reflectir na agenda diplomática realidades que se foram desenhando no curso dos anos noventa. O Brasil vem

procurando fazer do conceito da América do Sul um elemento operacional para a sua actuação diplomática desde o início dos anos noventa. Em 1992-93, o então Chanceler Fernando Henrique Cardoso já se referia à meta da "organização do espaço sul-americano".

Trata-se de uma tarefa a ser aplicada com base nos processos existentes. A partir da formação do MERCOSUL, dos progressos da Comunidade Andina e do aprofundamento dos vínculos entre todos os países do continente, foi ganhando sentido e conteúdo o conceito de América do Sul, que não figurava na agenda diplomática anterior. Essa importante inovação diplomática está a condicionar uma verdadeira redefinição da nossa actuação internacional.

A especificidade geográfica da América do Sul conduz, de modo natural, à definição de uma perspectiva comum de desafios e oportunidades. A agenda do encontro de Brasília indica que não se pretende duplicar o trabalho de outros foros da América Latina e Caribe, mas sim seleccionar, com espírito pragmático, um número de temas muito limitado em que se impõe uma perspectiva específica sul-americana: democracia, comércio, infra-estruturas de integração, narcotráfico e delitos conexos, informação, conhecimento e tecnologia.

A articulação da América do Sul vem em benefício da integração da América Latina e Caribe. Constitui uma importante contribuição para o fortalecimento de processos de integração mais amplos de que fazem parte os países sul-americanos, a exemplo do Grupo do Rio ou das negociações com vista à conformação de uma Área de Livre Comércio das Américas. Neste último caso, a América do Sul - unida - poderá defender com maior força seus pontos de vista.

A articulação da América do Sul é, em suma, um jogo em que todos têm a ganhar. O Brasil está a trabalhar prioritariamente nessa direcção, em parceria com os demais países da região.